

Italo Moriconi

Os anos passam e as gerações poéticas se sucedem, como as ondas no mar. Ao grupo dos “novos”, logo se acrescenta, e rapidamente, o grupo dos “novíssimos”. Esteticamente, cada nova onda de poetas pode situar-se de maneira antagônica ou em continuidade direta com a onda anterior. Tudo indica que a onda da geração 00, sem deixar de representar o resultado e a consequência da cena poética brasileira dos anos 90, traz algumas tendências ou novidades que possivelmente uma pesquisa mais extensa fixará como um perfil. Será certamente um perfil diversificado – a pluralidade de dicções e orientações é um fato. A era dos “ismos” dominantes acabou. No lugar dela, entramos numa era em que prevalecem os focos aglutinadores, os núcleos e laboratórios poéticos que acolhem e onde se gesta a poesia nova.

O estopim que motivou a seleção da presente amostra foi o lançamento de três poetas novíssimos pela prestigiosa coleção *Ás de Colete*, empreendimento conjunto das editoras 7Letras e CosacNaify. Por “novíssimo”, entenda-se poeta estreado em livro a partir do ano 2000 ou pouquíssimo antes – 99, 98. Dos três novíssimos lançados agora, Marília Garcia e Ricardo Domeneck já tinham estreado em livro anteriormente, ela com uma plaquete na coleção *Moby Dick*, da 7Letras, em 2001, ele na coleção de poesia da Editora Bem-Te-Vi, em 2005. No caso da poeta Angélica Freitas, trata-se de estréia *tout court*.

Poesia 00

Uma amostra

Pode-se dizer que os três lançamentos nucleiam boa parte das novas tendências reconhecíveis na cena poética brasileira. Mas para efetivar a seleção solicitada por *Margens/Márgenes*, ampliei um pouco meu universo de mapeamento e pesquisa, aproveitando para atualizar-me minimamente em relação à produção dos novíssimos. Assim, com a inestimável colaboração e interlocução de Luciana di Leone (mestranda de Literatura Brasileira na UERJ), fiz uma primeira leitura – em alguns casos, releitura – de um número expressivo de livros de novíssimos, constantes dos catálogos e coleções das mencionadas editoras, a que acrescentei os lançamentos da editora Azougue e mais alguns livros avulsos espalhados pela minha caótica biblioteca, que há alguns anos não tenho tido tempo de arrumar.

O objetivo foi não o de realizar uma antologia de “melhores”, nem mesmo uma antologia de “representativos”, mas apenas uma amostra de bons poemas escritos por novíssimos. Bons poemas no sentido de manifestarem práticas do poético como prospecção de linguagem. Eu mesmo fiquei surpreso com o que considero ser o alto nível decantado ao fim e ao cabo da sempre precária escolha.

Ao leitor de *Margens/Márgenes*, cabe o veredito final.

Aquário

tem o pânico das algas marinhas
quando acorda de frente para o estádio.
o quarto é um aquário
com setas submersas de
sol e seu corpo filtrado
pela luz do insulfilm
tem o contorno
de um magnetismo
inverso. não que importassem

as horas. apenas não sabia como ali chegara. não
sabia quanto tempo tinha passado (um cão
lambia o pé, a mesma imagem
congelada)

e na saída: "vai me responder de novo com
uma pergunta?" "mas a configuração é
diferente." e ela disse, não lembro o que ela disse.
o estádio é um buraco no tempo e de cima
suas guelras latejam os ecos da última partida.
você se encolhe atrás do vidro
redondo, luta para vencer
as pequenas pedras, como num oceano
violeta genciana

Marília Garcia
(20 poemas para o seu walkman)

mnemo.

Há um resíduo de futuro
no vento, fotograma ante-
cipado, montagem de fragmentos
induzindo à cena. Como
aquela árvore se curvando com-
placente aos invisíveis pesos,
como o mormaço
predizendo chuva. Repito,
há um canto anterior
a qualquer canto, uma réstia,
um eco primeiro, como um som
que ressoa por dentro de cada
palavra, como todo gesto se
desenha e apaga, então
novamente. Há o revés,
o diáfano, o termo, beleza
posta e perdida, o desen-
cadeamento, assim
como a sede do vapor
por uma forma, assim
como tudo retorna
à imaginação
por trás da cortina
da memória.

Sérgio Cohn
(*Horizonte de eventos*)

De madrugada, de manhã

1.

Acordar no meio da noite
com a cabeça do outro
sobre o peito,
travesseiro,

maré e barco;

permanecer desperto, à deriva
o resto da noite, dormentes
e doloridos os membros,
a circulação cindida,

sem desejo de resgate

e sussurrar-lhe ao ouvido:
unsere knochenknospen schnurren und schnorrem,
nossos brotos d'ossos ronronam e imploram,
como em qualquer hino,

meu querido.

2.

Eu desconheço quanto

deserto custa
uma epístola
aos coríntios;

se a cegueira
no caminho
precede sempre

(e vale)

a cidade
de destino;

se na garganta
um novo cântico
dos cânticos aguarda

ou se quatorze anos
de fôlego preso
hidratariam um soneto;

eu falo baixo
porque deixá-lo

dormir meia-hora
a mais é minha forma

de acariciá-lo
logo de manhã

que, envolto em lã,
ignora o abalo

sísmico
em mim:

um bocejo
seu.

Ricardo Domeneck
(*Carta aos Anfíbios*)

arroubos

para Aruac

...ela te escreverá toda noite quando as frases do dia entre duas pálpebras brilharem no rigor de cada sílaba é o verão desabotoando sem a gente perceber que já bem no centro de havana comprando sorvetes derretidos e caseiros ou também por um senhor de nariz fino asas feridas ... a dónde crees que te va a llevar todo ese aprendizaje, chica? numa viagem a céu aberto sucessivos alejamientos y dissolvências nos llevan a ver la isla desde el mar uma notícia que envolva muita gente el desliz que comprende su figura el vencimiento de la distancia nessa noite teus olhos ilhas envoltas por água e sal cuando el espacio se contrae para parir la llegada de uma fuerza sem veladura sem artificios a pura luz da rua e o ritmo de tropeços multitud de sombras lembranças onde caminhas cuidadoso com poder delicado de revê-lo o sorvete se desfaz mas as respostas são perguntas retorcidas aos quarenta graus em la habana e também no rio enquanto entre nós o copo de aguardente espera a mão alcançar um fio de cabelo e as bocas se calarem num encontro passageiro afinal a dónde te va a llevar todo ese aprendizaje.....

Laura Erber
(Insones)

na banheira com gertrude stein

gertrude stein tem um bundão chega pra lá gertrude
stein e quando ela chega pra lá faz um barulhão como
se alguém passasse um pano molhado na vidraça
enorme de um edifício público

gertrude stein daqui pra cá é você o paninho de lavar
atrás da orelha é todo seu daqui pra cá sou eu o patinho
de borracha é meu e assim ficamos satisfeitas

mas gertrude stein é cabotina acha graça em soltar pum
debaixo d'água eu hein gertrude stein? não é possível
que alguém goste tanto de fazer bolha

e aí como a banheira é dela ela puxa a rolha e me rouba
a toalha

e sai correndo pelada a bunda enorme descendo a
escada e ganhando as ruas de st.-germain-des-prés

Angélica Freitas
(*Rilke Shake*)

os nomes

Se chamo a árvore de "espelho",
o faço não por capricho, mas por reconhecer nos galhos
certos traços meus que em algum momento
se misturaram à trama das coisas.

Se chamo o céu de "elefante absurdo"
é porque não o consigo abarcar
com nenhuma imagem melhor.

Ele escapa por todos os lados feito água arredia,
que aliás eu trato por "cristal", o que é um paradoxo,
pois as pedras são essência irremovível,
enquanto a água, tal como o céu, escorre
inevitavelmente pelas bordas do mundo.

Mas chamo-a assim pois é na realidade
à substância do olho que me refiro:
esse prisma de carne
banhado pelo líquido de luz.

Se chamo a noite de "pássaro"
é porque não há pássaros na noite,
a não ser por alguns solitários
voando anônimos no escuro.

Os pássaros eu não trato por nenhum
outro nome, a não ser "pássaros".
Daquilo que voa, o que falar?
Como chamar?

A noite possui porém diversos nomes.
Veículo. Lagarto comprido.
Lanterna. Círculo. Coração de bromélia.
Fogo invisível.

São como roupas que a alma veste
para depois se esquecer de que vestiu.
Não um disfarce, pois não há sob as camadas
nada além de mais camadas.

A madrugada eu definitivamente
trato por “garota com seu conjunto
de lápis-de-cor se equilibrando
pelas linhas dos ladrilhos”,

mas poderia também chamar de “melancia”,
se o que importa são as cores que escorrem
pela garganta, até criarem no ventre o espaço
de um salão infindável.

O nome do dia é “óleo de girassol”
– não o sujo, guardado embaixo da pia,
mas aquele ainda virgem do supermercado:
a matéria transparente da complexa culinária
de todos os sentidos.

Também trato o dia por “balão”, pois é gordo,
mas leve, sempre correndo o risco de se incendiar
pela proximidade excessiva da fonte de todo o calor.

O nome do sol não me foi permitido revelar,
embora esteja presente em cada letra
e combinação de todos os alfabetos possíveis.

Mesmo quando ocultado pela lua, cujo nome é “esfera”
– não porque redonda, caso contrário
também assim o sol se chamaria,
mas simplesmente porque há nela
um lado sempre oculto,

tal como o olho, cujo outro lado é
a noite, ou o canto da alma
onde nascem as coisas indefinidas.

Pedro Cesarino
(*Oceanos*)

(de POEMA COMEÇANDO 'QUANDO')

Décima faixa – 0:55

Algo amadurece à distância
mas aproxima-se aos
poucos para poucos
antes de todos
perceberem que
do chão à copa
o espaço é da queda.
Tudo deve ser documentado
é uma pergunta do processo
que se inicia no terror
para alcançar a beleza,
o risco do esquecimento
o primo leve da memória,
o preço breve do ato.
O trabalho árduo de convencer
a fruta
de que já se encontra madura.
Com os dentes.
Tempo movendo-se em volume
alto, duração contínua
segundo a segundo
para depois
ser sujeito
às elipses da atenção
da história.
A mão que escreve
pode querer-se à margem,
silenciosa, mas seu
tom de voz ecoa
por todos os cantos.
Camuflagem falha.
Equívoco da tentativa
de uma "epistemology
without a knowing
subject".
Toda presença
é central mas pode
sabotar-se
melhor como ventríloquo
do que invisível.

Ricardo Domeneck
(a cadela sem Logos)

Inferno musical

I.

o que explicou sobre a melodia
de sistemas não fazia sentido pois
dessa vez não havia
som algum.

– é uma deformação, quase um inferno
musical que,
ao transbordar,
congela,
como o mármore, o tombo ou
o tapa. poucos usam a palavra anti-
harmonia ou anti-
densidade (nada se acopla
com nada aqui)
a vida se divide em
duas partes móveis e você pode
entrar numa melodia circular
atrás da configuração correta

II.

– *ezeiza es um sitio que no
existe* mas chegar é repetir o
gesto inexistente, como dizer uma
frase sem som ou se tornar o mesmo
uma semana depois no momento em que
a aeronave se desloca com
mais esforço.
no desenho tenso da esteira
a única mala – para tomar a estrada
de noite no deserto asfixiante
e escuro.

Marília Garcia
(20 poemas para o seu walkman)

“le gustaba escalar la planície com su muleta de alumínio”

le gustaba escalar la planície com su muleta de alumínio
parecia un idiota cruzando la tarde sin sentido
bebía de la imundície sin problemas
porque desde crianza estaba acostumbrado a beber de la imundície terrena

sabía como convivir com la imundície que produce el hombre.
había ainda en sus ojos un resto de brilho feliz de infância perdida
escalando la planície de los dias
com su muleta de alumínio non precisaba más nin nombre

parecia que había salido de algun libro de Manoel de Barros
un personagem de carne gosma esperma escama sangre osso misterio
escalar una montanha del lado brasileiro era escalar una planície del lado paraguayo
escalar una montanha del lado paraguayo era escalar una planície del lado brasileiro

em ambos los lados de la frontera que implacabelmente apodrece
ninguém consigue escalar planícies tan bién como ele

Douglas Diegues
(*uma FLOR na solapa da MISÉRIA*)

epílogo

gertrude stein cabelo dos césaes
alice olhos negros de gipsy
josephine baker djuna barnes
nós cinco na sala de espelhos
eu era alice e djuna era josephine
gertrude stein era gertrude stein era gertrude stein
na saída gertrude me puxou pelo braço
e me disse muito zangada: não achei graça
no que você publicou nos jornais
me derrubaria como um tanque da wehrmacht
não fosse por ezra que passeava ali seu bel esprit
lésbicas são um desperdício ele disse
você já ouviu falar em mussolini?

Angélica Freitas
(*Rilke Shake*)

Deus e João no mundo cão

Primeiro, a emboscada e o chão era de barro.

Não deu para ver se alvos ou mestiços.
Mas não eram machos.

Tavam numa espreita, dessas em que o sujeito mira
acocorado,
da qual só restam dois: o estampido e o baleado.

Cabul,
era míssil nomeando a cidade.

Após o acontecido, comi um tanto da poeira.
Que era do chão. Que era de barro.

E só havia um sol de fazer ouro na retina,
que, entre os gumes de minha sina, alastrava o seu
mormaço.

Era lá, à espreita
pelo Tomahawk em assovio
– parecia o simum no canudo,
alguém dizia.

À espera do suspiro que nos finda,
cobriu-me a certeza de alguns nomes sobre a força
dos cajados.
Foi o coronel. Ele honrou o seu gado, a sua família.
Soprou a minha vida.

Alguém se persignava.

Rodrigo Magalhães
(*O legado de Beltrano*)

Canto de abertura de caminhos

(oju-oritá e /ou conversas de Merleau-Ponty)

Quando você abre os olhos

Você pode ver tudo
Pensar que vê tudo
Tudo pode ser visto
Ver-se em nada que é visto

Quando você abre os olhos

Pode tentar pegar coisas com olhos
Pegar pensamentos nos olhos
Partir do momento onde os olhos
Param de saber que são olhos

Quando você abre os olhos

As coisas perdem os nomes
O tempo é sempre presente
E o presente são os nomes
Nomes do presente

Fluxo
Tempo

Você abre os olhos e vê

Você está

Jardins...

Ericson Pires
(Cinema de garganta)

“Por que escrebo?”

Por que escrebo?

Escrebo para ficar menos mesquinho
belleza de lo invisible
non tem nada a ver com berso certinho

en el culo de qualquer momento
escreber pode ser mais que apenas ir morrendo
la belleza de lo invisible
non se pudre com el tempo

la bosta dos elefantes seca verde clara dura
es altamente inflamáble – dá uma llama bem pura
nunca se termina de aprender a transformar bosta em luz y
otros desenganos –
todos fomos bellos quando tínhamos 4 anos

hoje la maioria solo se preocupa com sus narizes
su esperma, su bosta, su lucro, sus missíles

Douglas Diegues
(*uma FLOR na solapa da MISÉRIA*)

